

RESUMOS

Fronteiras na Perspectiva de Boa Vizinhaça

Após uma revisão das mais recentes tendências relativas ao estudo de fronteiras, este artigo foca a cooperação transfronteiriça e a construção de “boa vizinhaça” nas cidades de fronteira europeias. Baseado em estudos empíricos realizados na sua maioria nas fronteiras germano-polaca, suíço-germânica e austro-húngara e complementados com um caso américo-mexicano, defende que é tempo de ir para além do conceito transfronteiriço de cooperação e olhar a prática e a narrativa quotidianas de construção de vizinhanças a nível local. As questões discutidas neste contexto são a natureza da existência de fronteiras mentais, a forma como a “vizinhaça” é vivida por diversos grupos de pessoas, as suas visões e os obstáculos à construção de boa vizinhaça, as políticas existentes e as correspondentes actividades oficiais e/ou da sociedade civil. A autora salienta em particular a importância da autodeterminação, as actividades prioritárias e a cooperação, efectuadas à escala local e que condicionam a vida quotidiana. Tal deveria ser especialmente o caso não apenas das fronteiras políticas, mas também e explicitamente das fronteiras interurbanas e socioculturais. [Autora: Doris Wastl-Walter, pp. 18-23]

Fronteiras Dentro da Cidade: Retratando a Identidade de Macau

Este artigo olha a questão da construção de fronteiras em Macau, realçando uma visão historicista de um fenómeno sócio-cultural. Antiga possessão portuguesa na China, Macau é um local onde a co-habitação interétnica evoluiu ao longo de séculos na edificação de duas “cidades”, logo de duas jurisdições dentro da mesma: a cidade cristã e o bazar chinês. Queremos, sobretudo, questionar se a existência de fronteiras administrativas dentro da cidade terá levado à persistência de fronteiras de natureza cultural entre portugueses e chineses, na sequência do estabelecimento da administração colonial portuguesa no século XIX. Tencionamos igualmente discutir parte do processo que, seguindo uma longa, pacífica

e contínua coabitação interétnica, permitiu a negociação e a superação de fronteiras políticas, culturais ou simbólicas, e informações adicionais sobre o modo de vida que distingue este lugar e a sua identidade a longo prazo. [Autora: Sheyla Schuvartz Zandonai, pp. 24-36]

De Trás para a Frente. Transformação do Espaço Fronteiriço de Macau

Hong Kong e Macau tornaram-se casos interessantes para o estudo de cidades de fronteira dada a especificidade da sua condição. Este artigo foca as questões: Que potenciais e desafios são criados pelos projectos de grandes infraestruturas que pretendem, hoje em dia, integrar Macau no Delta do Rio das Pérolas? Considerando que dentro de 40 anos desaparecerão as fronteiras com a China, será que o antigo enclave português e a sua vizinha cidade de Zhuhai se tornarão um único espaço urbano, ou até uma única cidade, à semelhança do que aconteceu com as antigas cidades chinesa e cristã de Macau que, no passado, se fundiram? Quais são as consequências para a imagem interna e externa de Macau da conjugação da condição tradicionalmente ambivalente da sua fronteira com os projectos das novas infraestruturas? Quais serão as oportunidades e desafios que os seus residentes enfrentarão graças à transformação do espaço fronteiriço do território? [Autor: Hendrik Tieben, pp. 37-56]

De Lisboa a Macau: As Geografias Fechadas das Descobertas Portuguesas

Este artigo desenvolve uma crítica das representações ocidentais da descoberta, centralidade e identidade própria, em parte através de uma centralização na EXPO '98 realizada em Portugal (a última exposição universal do século XX) que ofereceu a oportunidade de reiterar a importância das descobertas imperiais portuguesas num plano global e, nesse processo, reafirmar a identidade nacional portuguesa.

O artigo examina a forma como as narrativas histórica e geográfica do imperialismo e as “viagens portuguesas das descobertas” foram reapropriadas na EXPO '98 para ressuscitar um sentido de orgulho nacional por pertencer à Europa e por ter sido pioneiro neste continente. São necessárias perspectivas pós-coloniais críticas que quebrem o eurocentrismo se quisermos perceber o papel de outras culturas e histórias na contribuição portuguesa para a construção da modernidade. Essas perspectivas permitem reflexões mais amplas sobre a contribuição do Ocidente e do não-Ocidente na construção da modernidade multifacetada da qual as exposições (e os monumentos e torres a que o documento alude) são expressões concentradas..

[Autores: James D. Sidaway and Marcus Power, pp. 62-78]

A Importância de Macau para o Comércio da East India Company na China e as Relações Anglo-Portuguesa no Enclave na Segunda Metade do Século XVIII

Ao longo do século XVIII a E. I. C. torna-se gradualmente dependente do trato privado efectuado entre a Índia e o Sul da China, através do qual o ópio indiano chega a Cantão, sendo a prata necessária para adquirir chá obtida com a venda da droga. Por seu lado, os portugueses há cerca de um século que importam anfião para a China, e Macau acaba por se tornar um espaço estratégico para o tráfico inglês até à sua deslocação para a ilha de Lintim. Essa mudança afecta os rendimentos dos mercadores do enclave, que se defendem da concorrência ao verem-se privados de uma das suas mais importantes fontes de receita, temendo a ocupação inglesa dessa ilha. Os comerciantes chineses também lucram com o tráfico, não sendo, portanto, eficazes os éditos imperiais que proíbem a importação da droga para o Império do Meio, situação que se arrasta, numa primeira fase, até à Guerra do Ópio (1841), conflito anglo-chinês após o qual a Inglaterra consegue

RESUMOS

fundar um estabelecimento próprio na China. Através do cruzamento de fontes inglesas, chinesas e portuguesas, o presente estudo analisa a dinâmica específica das relações anglo-portuguesas-chinesas em Macau, bem como a importância do enclave para o China trade inglês na segunda metade do século XVIII, sobretudo até à primeira embaixada inglesa a China, a de Lord Macartney (1792-1794) [Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 79-103]

Macau, Portugal e o Japão no Século XIX. O Tratado de 1860

O Japão encontra-se ligado às origens de Macau. Esta cidade deve, em grande medida, o seu florescimento no século XVI ao comércio das naus da prata. Quando o Japão proibiu os contactos com o mundo exterior, em meados de Seiscentos, encerrou-se um importante capítulo da história de Macau. Foi preciso esperar mais de 200 anos para que o Japão voltasse a fazer parte da presença portuguesa na Ásia Extrema. O tratado luso-japonês de 1860 assinala o reatar das relações entre Portugal e o Japão ou, melhor dizendo, entre Macau e o Japão. Sem daí retirar benefícios económicos imediatos, a negociação e assinatura deste tratado permitiram à cidade reafirmar-se numa região que, naquela época, conhecia profundas mudanças políticas e económicas. Deste modo, o Japão voltou a dar o seu contributo para que a presença portuguesa na Ásia Oriental se mantivesse viva, não obstante as rivalidades e hegemonias de outras potências, como a Grã-Bretanha, a Rússia e os EUA. [Author: Alfredo Gomes Dias, pp. 104-119]

Freiras de Santa Clara: Devoção Autêntica ou Fuga ao Desamparo Feminino? Uma Abordagem Comparativa entre Clarissas de Macau e de Coimbra no Século XVII

Durante as escavações de restauro e conservação do Convento de Santa Clara-a-Velha, localizado em Coimbra, Portugal, foram encontradas dezasseis peças de porcelana chinesa, datadas do século XVI

e provenientes da província de Jiangxi. A abordagem realizada aos hábitos e costumes dos elementos femininos que integraram o Convento de Santa Clara de Coimbra poderá esclarecer aspectos relativos às freiras da mesma Ordem, estabelecidas em Macau. As peças encontradas serviram de mote para a ligação entre os dois conventos, tão distantes geograficamente entre si. [Autora: Anabela Nunes Monteiro, pp. 120-130]

A Lady's Visit to Manilla and Japan. Representações Interculturais na Viagem ao Oriente

Numa primeira abordagem a *A Lady's Visit to Manilla and Japan* (1863), de Anna D'Almeida, os leitores não deverão esperar encontrar a narrativa de uma experiência que poderia ter sido produzida por um desses "Etonnants voyageurs! Quelles nobles histoires / Nous lisons dans vos yeux profonds comme les mers!", citando o último poema de *Les Fleurs du Mal* de Baudelaire. Nem deverão esperar ser confrontados com o relato superficial de uma turista indolente sobre a diversão convencional ou o previsível choque moral experimentados durante as várias etapas do seu grand *tour* pessoal, tão em voga, e que são característicos deste tipo de literatura, particularmente popular no campo emergente do turismo do final do século XIX. Neste artigo, proponho-me analisar a escrita feminina ocidental no contexto dos encontros culturais, mais precisamente, as imagens que uma viajante ocidental do século XIX cria a partir da sua breve exposição a vários espaços e práticas da Ásia.

A família D'Almeida viajou pelo Extremo Oriente entre Março e Julho de 1862. O título *A Lady's Visit to Manilla and Japan* induz em erro, pois a narrativa começa em Singapura e termina em Hong Kong, mas a família visitou também Macau, Xangai, Nagasáqui, Yokohama, Xiamen (Hokkien) e Cantão, entre outros lugares, atestando assim o profundo desejo dos D'Almeida de explorar *in loco* todas as potencialidades dos países visitados. Neste estudo tenciono demonstrar as complexidades que existem dentro

de / entre as histórias, experiências e actividades interculturais de mulheres, e como estas alargam o âmbito do estudo dos sistemas sociais e culturais. Ao examinar as diferenças e semelhanças de género, podemos elaborar construções teóricas que analisam as variações entre mulheres; como elas são influenciadas pela classe, raça, etnia e religião; e como estas moldam a forma como entendemos a posição da mulher na cultura e na sociedade. O preconceito de classe da elite ocidental considera a mulher não-ocidental como sendo 'a outra', alguém que representa aquilo que o escritor ocasional não é. A questão da representação feminina das suas congéneres como 'mulheres-outras', com base numa ampla variedade de diferenças, é definitivamente um desafio para os estudos interculturais e de género.

[Autora: Clara Sarmiento, pp. 131-148]